

# A teoria do agir comunicativo como teoria da sociedade

## The theory of communicative action as theory of society

*Anderson de Alencar Menezes\**

**Resumo:** O presente artigo procura articular a relação entre a Teoria do Agir Comunicativo e a Teoria da Sociedade numa perspectiva habermasiana. Seria pensar o postulado epistemológico habermasiano aplicado às lógicas societárias. A Teoria do Agir Comunicativo procura restabelecer a ideia do ‘ator social’ como um ‘ator linguístico’ guiado por uma ação comunicativa com caráter: ético, estético, normativo e expressivo. Nesta perspectiva, procura-se potencializar o mundo-da-vida como lócus originário para o fortalecimento da razão comunicativa em oposição à razão instrumental.

**Palavras-chave:** Agir Comunicativo, Sociedade, Linguagem, Ator, Habermas.

**Abstract:** This present article searches to articulate the relationship into the Theory of Communicative Action and the Theory of Society in a habermasian perspective. It would think the habermasian epistemological postulate applied to corporate logics. The Theory of Communicative Action searches to restore the idea of “social actor” as a ‘linguistic actor’ guided by a communicative action with character: ethical, aesthetic, normative and expressive. In this perspective, seeks to potentiate the world-of-life as original *locus* to communicative reason strengthen in opposition to instrumental reason.

**Keywords:** Communicative action, Society, Language, Actor, Habermas.

---

\* Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto (Portugal). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é Professor Efetivo da Universidade Federal de Alagoas; professor do Programa de Pós-Graduação em Educação(CEDU-UFAL).

## Introdução

A teoria do agir comunicativo, praticamente, identifica-se com a teoria da sociedade em Habermas, pois são conceitos análogos e, por esta razão, criam dois novos conceitos no âmbito social que são os arcabouços teórico-práticos do seu pensamento. Estes conceitos fundamentais são: mundo-da-vida (*Lebenswelt*) e mundo-sistêmico.

O nosso autor, ao estabelecer esta diferenciação categorial está se fundamentando na perspectiva sociológica de divisão societária. Todavia, nele a divisão entre dois mundos não tem um corte somente metodológico, epistêmico, ou mesmo fenomenológico ao modo husserliano. A concepção habermasiana de mundo-da-vida é uma construção político-semântica a partir da constituição de um horizonte cultural multifacetado e polifônico.

Habermas entende que estes dois mundos se interpenetram e ambos são necessários para a reprodução social. O problema surge quando o papel exercido pelo mundo-da-vida é atenuado pela presença crescente do mundo-sistêmico, pois, quando surge a inversão de papéis em que a reprodução simbólica do mundo-da-vida é coisificada, utilizando aqui uma categoria lukacsiana, temos o que posteriormente iremos trabalhar como “colonização do mundo-da-vida e sua consequente burocratização”.

### 1. Problematização do agir comunicativo

Podemos, portanto, intuir já nesse momento a importância da teoria da ação comunicativa. Segundo McCarthy,<sup>1</sup> Habermas, ao se utilizar da linguagem como paradigma central, possibilita os acordos intersubjetivos no mundo-da-vida, potencializando assim o aspecto cultural – cultura aqui entendida como aglutinadora de conceitos como moral, arte e direito, expurgados do mundo sistêmico por meio da “razão instrumental”.

---

<sup>1</sup> MCCARTHY, Thomas (1992). *La Teoría Crítica de Jurgen Habermas*. Madrid: Tecnos, 1992.

O mundo-da-vida deve ser fortalecido em suas bases pela reprodução simbólica, e deve possibilitar a construção de um espaço público mais democrático. Na realidade, ambos os mundos convivem juntos. Porém, o mais importante é que cada um cumpra o seu papel como foi destinado no âmbito societário. Assim, temos a pretensão de apresentar mais alguns elementos para o entendimento de que a teoria da ação comunicativa se constitui como teoria da sociedade no autor em questão. Segundo Habermas,<sup>2</sup> as interpretações da reificação da crítica da racionalidade instrumental propostas por Lukács, Horkheimer e Adorno prevêm o desenvolvimento de uma racionalidade ao lado de uma tendência global de evolução social da sociedade ocidental amparadas pelo conceito weberiano de ação-racional-com-respeito-a-fins, cujas consequências são sentidas gravemente a partir de duas perdas evidentes: a de significado no âmbito moral e a que se refere à diminuição da liberdade dos atores sociais.

Deve-se salientar que, com a mudança paradigmática para o modelo intersubjetivo, conseguimos demonstrar a conexão mais nítida entre reificação e racionalização como deformação das bases comunicativas. Sem sombra de dúvida, a necessária ruptura epistemológica com a filosofia da consciência (referencial para um tipo de sociedade estratificada e mecanicista) dá lugar ao surgimento de uma filosofia comunicativa cuja fundamentação encontra-se amparada na teoria do interacionismo simbólico de G. H. Mead. Para este, as estruturas de consciência individual, competência intelectual e social são resultados de estruturas simbolicamente medidas. Mead sublinha a linguagem como o principal canal de socialização e coordenação das ações. Segundo ele, mediante a socialização, os indivíduos adquirem uma identidade de papéis e internalizam o sentido da ação social. É mediante a reflexão que o *eu* entende o sentido e significado da própria ação, na medida em que reflete no comportamento alheio o outro generalizado. As teses de Mead se coadunam ao modelo de teoria da racionalidade comunicativa proposto por Habermas, já que estão

---

<sup>2</sup> Cf. HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa I: racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1988.

centradas na comunicação que recobra um mundo-da-vida simbolicamente estruturado, onde se fundamenta a reflexividade humana.

Na compreensão de Siebeneichler,<sup>3</sup> Habermas assinala que a primeira característica do processo comunicativo, em sua referência interna com a sociedade, está no fato de que a comunicação deve constituir sempre uma ação social. Porém, para explicitar melhor esta ideia ele recorre à definição social de Max Weber que expressa a ação social como determinada pela direção que o sujeito lhe confere, o que significa dizer que ela está sempre orientada para um determinado fim racional.

Habermas acredita, contudo, que se deve ampliar a definição weberiana, mostrando que o direcionamento dado à ação não é só obra de um sujeito isolado, mas realização da comunicação intersubjetiva.

Neste âmbito, Habermas<sup>4</sup> nos faz compreender que:

Desde o aparecimento da perspectiva linguística, temos boas razões para seguir uma sugestão de G.H.Mead<sup>5</sup> e explicar a autorrelação do sujeito ciente, atuante e falante – ou seja, a relação da primeira pessoa ‘consigo mesma’ – com base na adoção da perspectiva de segunda pessoa “em mim”. A própria reflexão deve a uma relação dialógica prévia e não paira no vácuo de uma interioridade constituída isenta de comunicação. A tematização discursiva das pretensões de validade, em cujos termos a racionalidade das nossas expressões é avaliada, bem como o caráter reflexivo destas expressões, estão em relação complementar: referem-se uma à outra. Não consideramos promissora proposta de se reduzir a racionalidade a uma disposição de pessoas racionais (p. 184-185).

Ele entende a concepção weberiana de orientação racional da ação com base em um outro critério, o de “coordenação comunicativa da ação”. Apreende-se, portanto, dois critérios básicos de ação: a orientação racional com relação a fins, monológica; e a coordenação intersubjetiva da ação. Contudo, no nível social, a ação comunicativa torna-se um conceito normativo, um ideal a ser alcançado que, ao

---

<sup>3</sup> Cf. SIEBENEICHLER, Flávio Beno. *Razão comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

<sup>4</sup> Cf. HABERMAS, Jürgen. (1996). *Racionalidade e comunicação*. Lisboa: Edições 70, 1996.

<sup>5</sup> MEAD, Georg Herbert. *Mind, Self and Society*. Chicago: Ed. C. Morris, 1962.

mesmo tempo, serve de critério para a evolução social. É o que se pode deduzir das palavras de Aragão:<sup>6</sup>

Não são, entretanto, novas tecnologias que demarcam o caminho do progresso de uma formação social nas etapas progressivas de reflexão; por seu intermédio se suprime o caráter dogmático de formas de dominação e de ideologias superadas; a pressão do quadro institucional é sublinhada e o agir próprio à comunicação libera-se como um agir que promove a comunicação propriamente dita. Com isso, antecipa-se o objetivo de tal dinâmica, a saber: a organização da sociedade exclusivamente sobre a base de uma discussão livre de qualquer forma de dominação repressiva.

Na sua análise sociológica, Habermas vai utilizar os conceitos de lógica de *si mesmo* (self), bem como o de lógica do desenvolvimento da sociedade, dentro da perspectiva do conceito de racionalidade comunicativa. Pode-se dizer isto de forma mais sintética com Thomas McCarthy, quando ele mostra que os processos de individualização são, ao mesmo tempo, processos de socialização e vice-versa. Isto se expressa quando as intenções e interesses, os desejos e os sentimentos individuais, não estão ligados inteiramente a um sujeito isolado, fechado em si mesmo, mas à linguagem e à cultura e que, por este motivo, estão expostos à interpretação, à discussão e à mudança.

Habermas utilizar-se-á das teses de Mead para afirmar a universalidade do discurso, cuja fundamentação encontra-se no entendimento mútuo, na intersubjetividade das relações livres de qualquer tipo de coação. Isto constitui o ideal de uma comunicação que não se deixa envolver em distorções e que nos conduz a uma institucionalização da democracia e a uma construção da socialização sem repressão para a crítica e autocrítica.

Na percepção de Dias,<sup>7</sup> é importante considerar que Habermas faz algumas críticas a Mead, pelo fato de que este encarou a produção material como algo à parte da sociedade, não levando em consideração

---

<sup>6</sup> ARAGÃO, Lúcia Habermas, *Filósofo e Sociólogo de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002, p. 55.

<sup>7</sup> Cf. DIAS, Severino. *A ética do discurso de Jürgen Habermas: uma alternativa à crise da modernidade*. Dissertação de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

a análise da economia e da política, tendo sido acusado de idealista. Mas também pelo fato dele ter deixado de lado a importância de que na formação interativa das estruturas de personalidade estão enraizadas características peculiares da sociedade e do mundo histórico, daí ser acusado também de formalista.

A teoria do interacionismo de Mead lança as bases pré-linguísticas da ação comunicativa. Porém, faltam a estas fundamentações sociológicas, que reclamam a solidariedade social, alguns elementos teóricos que nos levem a perceber o surgimento e a consolidação de sistemas normativos. Para efetivar o que está faltando à teoria de Mead, Habermas lança mão da teoria da solidariedade social, da sociologia da religião de Durkheim, para, através da ideia de consciência coletiva, criar possibilidades para a constituição da identidade do grupo. Portanto, elementos como a moral, o direito e os mecanismos de interação social estavam adormecidos no ritual religioso e numa concepção religiosa fechada de mundo, onde não se questionava nem se problematizava acerca de sua obrigatoriedade e validade.

Para Habermas, a problematização surge quando estes elementos passam a ser mediados linguisticamente, promovendo a dessacralização do mundo ao mesmo tempo, que reclamando a necessidade de um maior aprofundamento e fundamentação do rito e da crença, ou seja, da justificabilidade e legalidade das normas.

## **2. O horizonte do mundo da vida**

Este horizonte postulado por Habermas se constitui como uma de suas grandes contribuições para a modernidade. Ao trabalhar esta categoria, o autor em questão deseja salvaguardar valores, atitudes que foram escanteadas pela própria forma das sociedades se organizarem. Ele acredita que o mundo-da-vida não se dá nem se desenvolve fora do âmbito social. Mas vê que este não pode se deixar influenciar pelos sistemas que orientam as relações nas sociedades. Mesmo porque, depositada no mundo-da-vida, encontra-se a força vingadora da razão comunicativa que tem por finalidade resgatar dimensões profundas da vida humana como a solidariedade, a democracia e a cidadania, aspectos fundamentais para se construir uma sociedade justa e boa.

O conceito de mundo-da-vida precisa assumir um caráter multi-dimensional capaz de abranger os diferentes aspectos exigidos pela reflexão filosófica e sociológica. Neste sentido, interessa a Habermas retomar o conceito de mundo-da-vida num nível linguístico, tendo em vista sua teoria da ação comunicativa.

Na perspectiva de Ingram,<sup>8</sup> o mundo vivido tem por finalidade salvaguardar e contribuir para a formação e a conservação da identidade social e individual do indivíduo, quando este tem a pretensão de organizar a ação em torno de valores compartilhados de maneira a alcançar um acordo sobre títulos de validade que são criticáveis.

Aqui, faço uma pequena diferenciação entre mundo-da-vida e sistema. O mundo-da-vida e o sistema são tidos como pertencentes a reinos da sociedade: as famílias e as esferas de acesso público-cultural e social e político ao mundo vivo; as empresas e os órgãos do Estado ao sistema. Porém, como se observa, fica difícil trabalhar estas categorias de modo dissociado, pelo simples fato de que não se podem trabalhar isoladamente as funções reprodutivas materiais da família, desligadas das funções reprodutivas simbólicas da comunidade empresarial. Habermas considera, portanto, essa sobreposição de funções, pois, para ele, o mundo sistémico é engendrado no mundo-da-vida como uma consequência inesperada da ação, mas permanece ligado a ele dentro de uma perspectiva normativa.

Na atividade de orientar-se para o entendimento, as pessoas criam os seus significados, sinais e sentidos que são expressos pelo conjunto de sentidos gramaticalmente predeterminados, conjunto a partir do qual os indivíduos socializados extraem a sua melhor compreensão, interpretação e ação sobre o mundo. Por sua vez, os sujeitos falantes e agentes criam, através de sua ação, um contexto de vida socialmente reconhecido, produzido nestes objetos simbólicos que dão forma a estruturas de conhecimento pré-teórico e que se dão:

– Sob a forma de expressões imediatas: atos-de-fala, atividades com fins a alcançar metas e ações cooperativas;

---

<sup>8</sup> Cf. INGRAM, David. *Habermas e a Dialética da Razão*. Brasília: UNB, 1993.

– Sob a forma de concretização dessas expressões imediatas: textos, tradições, documentos, obras de arte, objetos de cultura material, bens, técnicas;

– Sob a forma de configurações produzidas indiretamente: as instituições, os sistemas sociais e as estruturas de personalidade.

A esta realidade pré-estruturada simbolicamente, a esse conjunto de sentidos gramaticalmente predeterminado, Habermas chama de mundo-da-vida. Sem sombra de dúvida, pode-se dizer que este mundo-da-vida, partilhado de maneira intersubjetiva, forma uma base bem sedimentada que possibilita a ação comunicativa.

Essa formação se dá mediante a junção dos três mundos, a qual tem como pressupostos os processos comunicativos que determinam a possibilidade ou não de qualquer entendimento. Nesse sentido, notamos que o mundo vivido é o pano de fundo que possibilita aos sujeitos capazes de fala e de ação se entenderem reciprocamente sobre algo no mundo, seja este o mundo exterior natural, o mundo exterior social ou o mundo interior subjetivo.

No dizer de Aragão,<sup>9</sup> algumas características do mundo-da-vida devem ser necessariamente mencionadas: a primeira é seu caráter não problemático que deve ser tomado em consideração no sentido estritamente radical; a segunda é a de que há um *a priori* social inerente a intersubjetividade no entendimento mútuo da linguagem; a terceira é a de que os limites do mundo-da-vida não podem ser transcendidos, embora as situações costumeiramente se modifiquem.

Tendo em vistas estas características, é interessante perceber que o mundo-da-vida pode ser entendido e compreendido também como complemento do conceito de agir comunicativo, como Habermas<sup>10</sup> em sua obra, *O Pensamento Pós-Metafísico*, expressa:

Podemos imaginar os componentes do mundo-da-vida, a saber, os modelos culturais, as ordens legítimas e as estruturas de personalidade, como se fossem condensações e sedimentações dos processos

---

<sup>9</sup> Cf. ARAGÃO, Lúcia. *Razão comunicativa e teoria social crítica em Jürgen Habermas*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

<sup>10</sup> HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002, p. 96.

de entendimento, da coordenação da ação e da socialização, os quais passam através do agir comunicativo.

Estes componentes do mundo-da-vida funcionam como processo de entendimento com fins de reproduzir os elementos culturais; como coordenador da ação que possibilita e favorece a integração social e a solidariedade, e como facilitador da socialização, oferecendo condições para a formação da personalidade. Habermas, por sua vez, define os conceitos de cultura, de sociedade e de estruturas de personalidade em função de sua relação com o mundo-da-vida, pois, para ele, estes conceitos interpenetram-se de maneira a instaurar uma consonância com a teoria da ação comunicativa.

### 3. A dimensão sistêmica da sociedade

O mundo sistêmico estrutura-se a partir das esferas de reprodução social (material e simbólica), que têm por objetivo designar as funções de integração da sociedade (sistêmica e social) nos variados contextos de ação (estratégica e comunicativa).

Conforme Ingram,<sup>11</sup> o sistema integra várias atividades de acordo com os objetos de adaptação à sobrevivência econômica e política, por meio da regulação necessária das consequências não pretendidas da ação estratégica, que age por meio de mecanismos como o mercado e utiliza-se de meios burocráticos para impor limites às decisões voluntárias.

Entre as funções do mundo-da-vida coloca-se também a integração social mediante mecanismos que direcionam a ação para o entendimento, cuja finalidade é desempenhar o papel de depósito cultural e plasmador de horizontes, tendo ainda por finalidade serem coordenadores da ação.

Os atores utilizam-se destes mecanismos para alcançar seus objetivos. Nem todos os elementos coordenadores da ação estão no mundo-da-vida. A sociedade é, por seu turno, bastante complexa,

---

<sup>11</sup> Cf. INGRAM, David. *Habermas e a Dialética da Razão*. Brasília: UNB, 1993.

existindo nela outros meios de cooperação – como o mercado, que é um mecanismo sistêmico que também estabiliza os complexos de ação. Surge daí a urgência de conceituar a diferença que há entre integração social e integração sistêmica.

Habermas, ao considerar a sociedade como integração social, relevando o mundo-da-vida, deixa de lado os problemas da reprodução material da sociedade que se fazem necessários para a manutenção e estabilização das estruturas simbólicas do mundo-da-vida. Por outro lado, quando toma a sociedade a partir do âmbito da integração sistêmica, ressaltando o sistema como autorregulação, deixa escanteados os mecanismos de reprodução simbólica da sociedade.

Habermas entende, portanto, que a teoria da sociedade deve articular de forma dialética os conceitos de mundo-da-vida e sistema, em vista de que, ambos, possam operacionalizar suas dimensões próprias e possam construir uma sociedade mais solidária e democrática, em que as patologias sociais engendradas pela burocratização, pela tecnificação da vida e pela robotização dos atores sociais sejam eliminadas e colocadas à margem das esferas que compõem a sociedade como um todo.

### 3.1 A colonização do mundo-da-vida

A esfera sistêmica tem como fim a reprodução material da vida social, ao passo que o mundo-da-vida tem por fim a reprodução simbólica. A crise se estabelece quando o mundo sistêmico, com sua linguagem própria do dinheiro e do poder, invade o mundo-da-vida, atenuando conseqüentemente a força de sua reprodução simbólica, criando o que Habermas denomina de “patologias sociais”. Daí a sua pretensão de fazer frente ao irracionalismo dominante na sociedade atual, norteadada, por outro lado, pela força de dominação da racionalidade técnico-instrumental, seja no campo das ciências da ação, seja nos campos da ação.

Habermas entende esta irracionalidade como colonização interior do mundo-da-vida, tentando retomar, no nível teórico, o antigo problema da reificação ou coisificação. Este problema é reformulado em termos de patologias do mundo-da-vida induzidas pelo sistema.

Por sua vez, no dizer de Siebeneichler,<sup>12</sup> constatam-se nitidamente as patologias do mundo-da-vida surgidas no mundo interno nos seguintes pontos: déficit de racionalização; pouca flexibilidade das cosmovisões tradicionais; diminuição da moralidade ou eticidade concreta; separação elitista entre culturas de *experts* e situações de ação comum, do que resulta o empobrecimento do mundo-da-vida.

Porém, percebe-se que as patologias do mundo-da-vida podem ser induzidas externamente por meio de guerras, epidemias, terremotos, fome e insuficiência dos meios de reprodução material. Neste modo de entender, a ideia que fala mais alto, no que diz respeito à indução externa, é a da força dos mecanismos do sistema, que são capazes de atenuar a força da comunicação mediada pela linguagem e substituí-la por outros meios que descartam a importância da linguagem, como, por exemplo, o dinheiro e o poder.

Na percepção de Siebeneichler,<sup>13</sup> é necessário fazer uma distinção entre os três tipos de reprodução – material, simbólico-cultural e sistêmica. Habermas descobre que a colonização interior ou coisificação requer duas condições necessárias e uma suficiente: é *necessário* que haja o desengate entre sistema e mundo-da-vida; é *necessário* que haja a racionalização progressiva do mundo-da-vida; a colonização do mundo-da-vida requer ainda uma condição *suficiente*, a ser encontrada no mecanismo que impulsiona a colonização capitalista. Contudo, deve-se salientar que a fragmentação, a colonização do mundo-da-vida, bem como o esvaziamento cultural, a coisificação e ainda mais a perda de sentido e de liberdade dependem do movimentar estratégico das grandes metrópoles e do mercado mundial.

Faz-se urgente o trabalho de “descolonização do mundo-da-vida” e esta descolonização só será possível por meio do resgate da razão comunicativa e do mundo-da-vida no seu sentido original, impulsionados por categorias como a moral, o direito e a arte, que constroem e edificam a humanidade.

---

<sup>12</sup> Cf. SIEBENEICHLER, Flávio Beno. *Razão comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

<sup>13</sup> Cf. SIBENEICHLER, Flávio Beno. *Razão Comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

#### 4. A racionalidade ético-comunicativa

Este é um dos aspectos centrais do pensamento habermasiano. E isso pelo fato de Habermas articular, ao mesmo tempo, dois conceitos, estritamente interligados, aos quais dá uma atenção particular, a saber: ética e comunicação. Para ele, a racionalidade comunicativa pressupõe uma ética que é capaz de normatizar a fala e as ações dos indivíduos. Todavia, é importante ressaltar que, nas suas análises e reflexões a respeito da linguagem, Habermas procura unir elementos linguísticos e pragmáticos para esboçar uma teoria da comunicação.

No processo comunicativo, a linguagem implica, logicamente, intersubjetividade e entendimento. Ou seja, é por meio da prática comunicativa que o ator social satisfaz suas necessidades de estabelecer uma relação entre sua perspectiva de mundo e a dos outros. De tal forma que aquele precisa construir um consenso em torno da ação que tem como finalidade última uma vida verdadeira, boa e justa.

A racionalidade emerge como tal do cotidiano, em que as relações ficam travadas a partir de um saber pré-teórico. Ao proferirem “atos de fala”, os atores sociais posicionam-se diante de si mesmos e dos outros e têm a pretensão de agir de forma compreensível. A compreensão, por sua vez, só é possibilitada porque as pessoas buscam compreender e se fazerem entender sobre algo que precisa ser compreendido. Para que o entendimento e a compreensão sejam possíveis, eles precisam se servir de um contexto de normatividade social que tenha a finalidade de regular as ações e os atos dos indivíduos em busca de entendimento e compreensão. Ao se comunicarem, os atores sociais, por sua vez, tomam para si três perspectivas básicas de sua atividade: uma objetivante, uma normativa e outra expressiva. Cada uma destas atitudes possui suas pretensões de validade. Porém, pode-se perceber que a validade tida como verdade, como retidão e como intenção de sinceridade, assim como as competências comunicativas, não são, e nem se pode dizer que são, conquistas *a priori*, mas adquiridas e salvaguardadas pela sua forma pragmática, ou melhor, *pelo seu uso*.

A partir de um *télos* inerente à própria comunicação, percebe-se a contínua construção das perspectivas de mundo e que este é erguido por meio da procura constante do reconhecimento mútuo, do

entendimento, do acordo intersubjetivo, do reconhecimento intersubjetivo e da solidariedade. O entendimento deve ser sublinhado pelo fato de ser engendrado na prática das ações quotidianas em que paulatinamente se veem erguidos consensos que não se deixam coagir nem tampouco distorcer. Isto é o que se denomina de *processo racional*.

A racionalidade assume perspectivas éticas em face da compreensão da relação entre propor pretensões de validade e admitir sua fragilidade constitutiva. Isto acontece quando os indivíduos se propõem a argumentar, ouvir e ponderar sobre argumentos alheios tendo como pretensão admitir a perspectiva do outro, confrontando-a com as suas próprias, numa atitude de reconhecimento e de diálogo.

A racionalidade implica, todavia, racionalizações pessoais e sociais, de tal maneira que as observações feitas à racionalidade possuem uma dimensão ético-normativa. Para Habermas,<sup>14</sup> em sua obra *La Teoría de la acción Comunicativa I* (1988), a racionalidade já é em si mesma ética, pois, segundo ele:

Possui conotações que, em última instância, remontam à experiência central da capacidade de unir, sem coações, e de gerar um consenso, que tem uma fala argumentativa em que diversos participantes superam a subjetividade inicial de seus respectivos pontos de vista e vontade a uma comunidade de convicções racionalmente motivada que asseguram, por sua vez, a unidade do mundo objetivo e a intersubjetividade do contexto em que desenvolvem suas vidas.

Vale à pena ressaltar que a racionalidade comunicativa pede insistentemente uma postura ética do processo argumentativo, pois é este que tem de possibilitar o espaço comunicativo em que as manipulações inexistam e onde seja priorizada a força do melhor argumento e não o argumento da força como critério de validação do discurso e das normas morais. Entende-se, portanto, que a tarefa prioritária da racionalidade comunicativa é a de racionalizar o mais possível o mundo-da-vida, tentando torná-lo imune aos efeitos da razão instrumental.

---

<sup>14</sup> HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa I: racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1988, p. 27.

Na percepção de Habermas, a modernidade já contém em si um projeto de racionalização histórica. E foi justamente esta racionalidade que possibilitou a diferenciação entre os três mundos (ciência, moral e arte), e que simultaneamente tentou vincular às três dimensões da atividade humana.

### Racionalidade e ação

Dentro do âmbito da compreensão da racionalidade comunicativa, percebe-se que ela converge para uma ação comunicativa. Racionalidade e ação<sup>15</sup> estão no âmbito da razão prática, cuja função primordial é possibilitar argumentos que deem sustentáculo às decisões do agir. A ação racional, portanto, é aquela em que o agente pode ter uma crença racionalmente justificável. Naturalmente se observa que algumas das nossas crenças, em que se fundamenta a racionalidade das ações, não são factuais. Para ser realmente racional, uma ação necessita ser moral e legalmente correta; pois, devem expressar sinceramente os sentimentos, os desejos autênticos e verazes do agente e guiar-se por valores compartilhados pela comunidade.

Para Ingram,<sup>16</sup> pode-se dizer que a ação racional é norteadora não só por crenças factuais, cuja pretensão à verdade pode ser também objeto de argumentação, pois vai além, sendo direcionada por crenças normativas, expressivas e avaliativas que têm por objetivo atingir os seguintes aspectos de validade: correção, sinceridade, autenticidade e propriedade.

Na percepção habermasiana,<sup>17</sup> é por meio de suas ações que os sujeitos exprimem o potencial de racionalidade nelas embutido, uma vez que para chegar ao entendimento, segundo Habermas, devem desenvolver as seguintes pretensões: a de que o enunciado que fazem é verdadeiro; a de que o ato de fala é correto, em relação ao contexto normativo vigente; e a de que a intenção expressa, pelo falante, é realmente condizente com o que este pensa.

---

<sup>15</sup> Para uma síntese muito competente sobre a relação entre racionalidade e ação (de Max Weber a Habermas), ver Araújo (1996, p. 118-144).

<sup>16</sup> Cf. INGRAM, David. *Habermas e a Dialética da Razão*. Brasília: UNB, 1993.

<sup>17</sup> Cf. HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa I: racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1988.

Por sua vez, cada uma dessas pretensões de verdade, de legitimidade e de sinceridade, pede dos seus atores, que compartilhem e se relacionem em vista dos três mundos, que são: mundo objetivo (conjunto de todas as entidades onde são possíveis enunciados verdadeiros); mundo social (conjunto de todas as relações interpessoais legitimamente reguladas); mundo subjetivo (totalidade das vivências do falante).

Por último, de acordo com a perspectiva fenomenológica, o ambiente em que os agentes se inserem representa um universo linguisticamente mediado pela experiência compartilhada. Portanto, percebe-se, neste sentido, que existem critérios para a racionalidade da ação e, desse modo, se requer da ação que ela exprima moralidade, legalidade, sinceridade de sentimentos e os desejos mais autênticos do agente; como, também, que possa exprimir uma maior coerência com os valores e atitudes compartilhadas com a comunidade.

### Tipologia da ação

As tipologias das ações se traduzem em meios para que a ação possa se legitimar no âmbito social. Aqui se compreende que, dependendo da ação realizada, podem-se alcançar resultados que contribuem ou não para o crescimento e o desenvolvimento da vida humana.

Assim, dos variados conceitos de ação, trabalhados pela sociologia da ação, Habermas toma como ponto de apoio os protótipos weberianos, que têm como base um saber orientado com relação a fins. Porém, compreende os limites desse saber e tenta, seguindo a teoria weberiana, elencar cinco conceitos básicos de tipos de ação. Por ação racional, com respeito a fins, Habermas entende aquelas ações em que o sujeito se norteia pelo fim de realização de objetivos.

A ação estratégica parte da ação racional com respeito a fins e surge da sua ampliação, de modo que os sujeitos agem de maneira calculista, com relação aos seus objetivos, e de forma utilitarista, com relação aos demais. A ação regulada por normas é aquela em que o sujeito procura estar em *conformidade com as expectativas recíprocas de comportamento*, buscando agir de acordo com normas e padrões convencionalmente aceitos pela sociedade, tendo por pretensão a reação dos demais sujeitos. A ação dramática é aquela que

se preocupa demais com a sua autoapresentação, visando projetar uma determinada imagem ou impressão a seu respeito. Finalmente, por ação comunicativa, Habermas postula aquela em que os agentes da comunicação têm por meta chegar expressamente a um acordo cooperativo e voluntário.

Ao fazer essa classificação, Habermas estabelece as características das ações em função dos possíveis relacionamentos dos atores com os três mundos (social, objetivo e subjetivo). Na ação racional com respeito a fins, o ator procura ajustar suas ações aos critérios de resultado e de eficácia, dando ênfase tão somente ao mundo objetivo; na ação estratégica, para conseguir os resultados, necessita não só do mundo objetivo, mas também dos sistemas de decisões; na ação normativa, o ator relaciona-se com dois mundos, o objetivo e o social – no mundo social encontra as formas legítimas de relacionamentos intersubjetivos; na ação dramatúrgica, o ator age em vista da impressão que irá produzir e repercutir nos seus espectadores, pois sua única finalidade é ser visto e aceito pelo público de uma determinada maneira.

Portanto, conforme Habermas, as ações racionais, com respeito a fins, e estratégias normativas e dramatúrgicas fazem uso da linguagem, mas de maneira atrofiada e unilateral. Ao passo que a “ação comunicativa” é capaz de fazer com que os atores utilizem-se da linguagem como meio de entendimento mútuo (ou seja, pelo qual falantes e ouvintes estabelecem relação a partir de um horizonte pré-interpretado do mundo-da-vida), num mesmo passo em que ela regula suas ações.

## **Conclusão**

A perspectiva habermasiana de uma Teoria do Agir Comunicativo como Teoria da Sociedade é uma postulação teórico-prática do pensamento habermasiano.

De fato, o pensamento habermasiano inscreve-se no âmbito societário e se interliga ao mesmo. Este pensamento nos faz compreender a emergência da linguagem e da ética como categorias centrais desta relação.

A Teoria do Agir Comunicativo é, de fato, um agir lingüístico na sua significação: ética, estética, normativa e expressiva. É uma ação que se estabelece entre Mundo da Vida e Mundo Sistemico que são expressões chaves para a dinâmica societária em questão.

O fato é que a Teoria do Agir Comunicativo implica numa racionalidade ético-comunicativa que realça o papel da ética do discurso numa sociedade marcadamente guiada pela razão estratégica e por seus fins, notadamente, repressivos e regressivos.

A perspectiva deste artigo foi a de discutir os pressupostos basilares habermasianos e suas incidências no âmbito prático-teórico. A conclusão que se sobressai é de que a Teoria do Agir Comunicativo como Teoria da Sociedade faz emergir uma sociedade mais emancipada e, conseqüentemente, mais racional e moral nas suas deliberações.

## Bibliografia

- ARAGÃO, Lúcia. Razão comunicativa e teoria social crítica em Jürgen Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- ARAGÃO, Lúcia Habermas, Filósofo e Sociólogo de nosso tempo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- ARAÚJO, Luiz Bernado Leite. *Religião e modernidade em Habermas*. São Paulo: Loyola, 1996.
- DIAS, Severino. *A ética do discurso de Jürgen Habermas: uma alternativa à crise da modernidade*. Dissertação de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.
- HABERMAS, Jurgem. *Teoría de la acción comunicativa I: racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Pensamento pós-metafísico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Racionalidade e comunicação*. Lisboa: Edições 70, 1996.
- INGRAM, David. *Habermas e a Dialética da Razão*. Brasília: UNB, 1993.
- MCCARTHY, Thomas. *La Teoría Crítica de Jurgem Habermas*. Madrid: Tecnos, 1992.
- MEAD, Georg Herbert. *Mind, Self and Society*. Chicago: Ed. C. Morris, 1962.
- MENEZES, Anderson de Alencar. *Habermas, com Frankfurt e além de Frankfurt*. Recife: INSAF, 2006.

\_\_\_\_\_. *Educação e Emancipação: por uma Racionalidade Ético-Comunicativa*. Maceió: Edufal, 2014.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. *Razão comunicativa e emancipação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.